

1º TEMPO

INTERPELANDO A MATRIZ
CONSERVADORA DO
FUTEBOL MODERNO



2

A FUTEBOLIZAÇÃO DO MUNDO

entre o jogo e a economia

Carlos Nolasco

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde declarava o surto do novo coronavírus SARS-COV-2 como pandemia. De forma brusca o mundo desacelerou, os países declararam “estados de emergência”, foram decretados confinamentos obrigatórios, a atividade econômica esmoreceu, ao mesmo tempo que se assistia ao aumento dramático do número de pessoas infectadas e de mortes. Por essa altura, também o desporto foi suspenso. Em Portugal, as competições futebolísticas profissionais foram suspensas em 12 de março, e a Federação Portuguesa de Futebol, em comunicado, informava que foi “tomada a decisão que visa proteger a população, especialmente os jovens e as crianças que amam o futebol”, por isso se deviam dar por concluídas as competições nacionais de todos os escalões de formação de futebol e futsal, masculinas e femininas. Por quase todo o mundo o futebol foi interrompido, cancelado ou adiado. O que parecia impossível sucedeu: os jogadores saíram de campo, os estádios ficaram vazios, a comunicação social centrou-se no fenómeno pandêmico e os adeptos deixaram de falar de futebol. Surpreendentemente, o cotidiano futebolizado foi suplantado por acontecimentos mais transcendentais, e a vida, ainda que contingente, aconteceu sem futebol. Numa altura em que houve “um abalo tectônico no nosso modo de ver e sentir a sociedade”,¹ tornou-se óbvia a frase de Christian Bromberger de que “o futebol é a mais séria bagatela do mundo”.² Ou seja, ainda que importante, o futebol é um fenómeno relativo quando comparado com outros dos quais depende a vida social, política e biológica. Fato facilmente olvidado quando confrontado com as narrativas desportivas e feitos superlativos dos jogadores.

Este texto não é sobre a forma como o futebol foi infectado pelo surto pandêmico de coronavírus, nem tampouco pelas consequências desportivas e econômicas que daí advieram. Este texto resulta, em primeira instância do contexto

1 Santos (2020, p. 25).

2 Bromberger (1998).

de confinamento em que é escrito, e em segundo da perplexidade com que um fenômeno cultural hegemônico esmoreceu, ainda que temporariamente, evidenciando a irrelevância de tudo que o torna importante. Afinal, “tudo o que é sólido e estável se volatiliza”,³ como afirmaram Marx e Engels, e que Marshall Berman,⁴ a propósito da efemeridade das estruturas capitalistas da modernidade, sustenta também que tudo o que é sólido dissolve-se no ar, podendo-se dizer o mesmo do futebol, cuja magnitude se esvaneceu perante a dura realidade da pandemia. Não foi apenas o fato de o jogo ter deixado de ser jogado, mas também a irrelevância da competição, das rivalidades, das emoções perante o que estava a suceder. Essa volatilidade face à pandemia não é exclusiva do futebol, sendo comum a muitos outros fenômenos e dinâmicas. Contudo, e dada a relevância do futebol nas sociedades contemporâneas, num momento como o que se vive, impõem-se questões sobre a essencialidade desta modalidade desportiva, da sua relevância, e das possibilidades que apresenta. Afinal do que se fala quando se fala de futebol? Qual o papel que o futebol tem nas sociedades em que é praticado? Numa altura de esgotamento paradigmático, o que terá o futebol para oferecer de distinto?

O texto que se apresenta procura responder a estas questões, através de um percurso sobre o desenvolvimento do futebol, desde os primórdios do jogo até a sua metamorfose enquanto atividade financeira. Tomando como entidade de análise o futebol profissional, institucionalizado nas regras da Fédération Internationale de Football Association (FIFA), este ensaio inicia-se com a descrição do futebol enquanto elemento da modernidade, que reproduziu as peculiaridades de um tempo de promessas e contradições. Numa segunda parte, apresentam-se argumentos para que o futebol se tenha convertido em atividade hegemônica desportiva e da cultura de massas, em elemento da globalização e instrumento colonial. Finaliza-se este périplo com a mais significativa transformação do futebol: a conversão do jogo em espetáculo e o desenvolvimento de inerentes estratégias econômicas e financeiras em busca da maximização de rendimentos.

O FUTEBOL COMO UM JOGO DA MODERNIDADE

O futebol, na sua essência, é um jogo. Um jogo simples, em que duas equipas disputam, com os pés, uma bola com o objetivo de a introduzi-la na meta adversária. É essa simplicidade que confere ao futebol uma popularidade universal e lhe permite acontecer de forma recreativa em locais tão díspares como nas ruelas de um bairro qualquer ou no mais sofisticado dos estádios. Quando uma criança anônima ou um midiático futebolista disputam uma bola, estão ambos simples-

3 Marx e Engels (1984, p. 63).

4 Berman (1989).

mente a jogar, sendo o jogo, em qualquer das circunstâncias, entendido tal como Johan Huizinga o descreveu:

é uma ação livre, executada ‘como se’ e sentida como situada fora da vida corrente, mas que, apesar de tudo, pode absorver por completo o jogador, sem que haja nela nenhum interesse material nem se obtenha daí proveito algum, que se executa dentro de um determinado tempo e de um determinado espaço, que se desenrola numa ordem submetida a regras e que dá origem a associações que tendem a rodear-se de mistério ou a disfarçar-se para se destacarem do mundo habitual.⁵

Esta essencialidade encontra-se nos jogos mais simples bem como nos mais sofisticados e profissionalizados, havendo a diferença de que a estes últimos foram progressivamente adicionadas dimensões que os complexificam e lhes conferem significações diversas em nível cultural, político e econômico. Assim, o futebol tendo origem no jogo, mais especificamente no jogo lúdico que acontece sob a lógica competitiva, complexifica-se progressivamente na sua prática com outras dimensões. Desmond Morris,⁶ descrevendo o futebol de alta competição da década de 1970, percepcionava a partir de uma perspectiva socioantropológica o significado social dessa atividade como uma recreação de práticas ancestrais. Como se de uma atividade tribal se tratasse, cada clube equipara-se a uma pequena tribo, com territórios, chefes, feiticeiros, heróis e rituais, entoando cânticos guerreiros a cada jogo, exibindo vistosas indumentárias, manifestando-se superstições primitivas e perpetuando-se misteriosos costumes. Deste modo afirma-se que o jogo contém em si, de forma latente, as formas potenciais do desporto, enquanto este manifesta constantemente a dimensão lúdica do jogo.

A metamorfose do jogo de futebol em modalidade desportiva não é marcada por uma ruptura, mas por um progressivo processo de desportivização,⁷ em que práticas violentas e anárquicas são progressivamente substituídas por tendências regulatórias e racionais. Assim, o desporto moderno que emerge no século XIX não se constitui por oposição às práticas lúdicas tradicionais, mas pela afirmação de um conjunto específico e interrelacionado de características: a secularização da prática futebolística; a igualdade na possibilidade de participação de todos os jogadores; a burocratização na administração e organização das competições; a especialização dos jogadores no sentido da diferenciação consoante as aptidões e as estratégias; a racionalização do desempenho físico com o objetivo de maior

5 Huizinga (1972, p. 26).

6 Morris (1981, p. 8).

7 Elias e Dunning (1992, p. 59).

rentabilidade e espetacularidade; a quantificação que permite comparar resultados, desempenhos e determinar campeões; e a obsessão competitiva pelos títulos e recordes.⁸ Estas características não são exclusivas do futebol, encontrando-se na generalidade das modalidades desportivas, contudo pela forma como se conjugaram sobre a estrutura do jogo, juntamente com fatores de representatividade identitária e passionais, a que se somaram outras dimensões sociais, conferiram-lhe a expressividade própria que o transformou em prática cultural hegemônica há muitos anos.

Secularização, igualdade, burocratização, especialização, racionalização, quantificação e competição não são apenas produto do devir histórico no processo de desportivização. São essencialmente elementos caracterizadores do projeto de modernidade⁹ presentes nas dinâmicas de industrialização e urbanização das sociedades, com repercussões em inúmeros domínios. A emergência do futebol no século XIX pode, pois, ser vista como uma manifestação da grande transformação das sociedades tradicionais para as modernas sociedades industriais, encontrando-se nessa transformação o mesmo processo evolutivo que em 1893 Émile Durkheim¹⁰ viu na passagem das sociedades de solidariedade mecânica para as sociedades de solidariedade orgânica. Sendo as primeiras essencialmente agrícolas, sem qualquer divisão do trabalho social e onde a ordem se baseava na tradição e religiosidade, as segundas são predominantemente industriais, altamente diferenciadas em termos de trabalho social e a ordem é mantida por um aparelho estatal burocratizado e coercivo. Do mesmo modo, os antigos jogos populares, localizados, desorganizados, sem regras escritas nem qualquer entidade organizadora, intimamente associados às festividades religiosas e aos calendários agrícolas, deram progressivamente lugar ao futebol enquanto atividade organizada, estruturada, regulada, especializada, codificada e burocratizada, em sintonia com o contexto socioeconómico do processo industrial.

Nestas características estão também os elementos da racionalização que Max Weber¹¹ em 1904 identificou na sociedade capitalista, em concreto nos estudos sobre burocracia e na classificação das formas de autoridade. Sendo produto da modernidade, o desporto e o futebol em particular constituem um recurso de exaltação da modernidade. Enquanto representação de um admirável mundo novo, a dinâmica e racionalidade do gesto desportivo, bem como a sistematização burocrática da organização competitiva, constituem dimensões modernas e futuristas que refletem uma civilização dinâmica, mecânica, progressista e positivista.

8 Guttman (1994, p. 3).

9 Gruneau (2017).

10 Durkheim (1984).

11 Weber (2015).

O corpo desportivo, convertido em herói da modernidade, é o exemplo do homem-máquina moderno que se sobrepõe à natureza e a transcende.

Assim, o futebol surgido na Inglaterra no século XIX, fundando-se no conceito de jogo, é distinto de todas as modalidades até então praticadas, pois traduz uma nova prática corporal, disciplinada e racionalizada, que se desenvolve num inusitado contexto de tempo livre proporcionado pela industrialização e urbanização.

A EXPRESSÃO HEGEMÔNICA DO FUTEBOL

O futebol constitui-se como modalidade desportiva num contexto de intensa supremacia europeia, expressa no poder político, militar, econômico, financeiro, técnico, científico e cultural e tornada manifesta através do processo colonial e da intensa dinâmica de globalização. A conjugação da força do capitalismo com a política colonial proporcionou as condições para que em pouco tempo o jogo de futebol convertido em desporto se dispersasse pelo mundo de forma avassaladora. Assim, se em 1863, na *Freemason's Tavern*, em Londres, eram determinadas as 17 regras pelas quais o futebol viria a ser jogado, em 1862 já o futebol acontecia na África do Sul, em 1867 na Argentina, em 1872 na França, em 1873 no Japão, em 1876 na Dinamarca, em 1887 na Rússia, em 1888 em Portugal, em 1891 no Uruguai, em 1892 na Índia, em 1894 na Espanha, em 1895 no Brasil, em 1897 em Uganda.¹² Na sequência desses primeiros jogos, que ocorreram de forma espontânea e avulsa, sucedeu uma primeira fase de institucionalização da modalidade com a criação de clubes e associações. Os primeiros países a possuírem as suas próprias associações de futebol fora do Reino Unido foram a Holanda e Dinamarca em 1889, a Nova Zelândia em 1891, a Argentina em 1893, o Chile, a Confederação Helvética e a Bélgica em 1895, a Itália em 1898, a Alemanha e o Uruguai em 1900, a Hungria em 1901, a Noruega em 1902, e a Suécia em 1904. Uma federação internacional de futebol, a FIFA, seria fundada em 1904, e ainda que contasse inicialmente apenas com representações europeias, rapidamente adquiriu uma dimensão mundial.

Através de mecanismos resultantes da dinâmica capitalista, nomeadamente as relações coloniais do império britânico, a rede mundial de comércio, bem como indivíduos que estando na Inglaterra regressavam aos respetivos países com o novo jogo de bola, como a moda mais exaltante, o futebol expandiu-se rapidamente por todo o mundo. Assim, progressivamente, como se de um desenvolvimento civilizatório se tratasse, todos os espaços que estavam em contato com o império britânico foram adotando o modelo futebolístico inglês. A Inglaterra significava modernidade, o conceito de *sportsmen* traduzia a assunção dessa condição, daí a

¹² Correia (2020, p. 49-51).

adesão incondicional ao modelo futebolístico que espelhava essas características. Esta expressão cosmopolita é possível de ser constatada na forma como muitos dos primeiros clubes de futebol foram constituídos, impulsionados por britânicos ou por referência à Inglaterra.¹³ Por exemplo, a tradução inglesa do nome das cidades incorporadas nas designações dos clubes expressa essa influência angló-fona: Genoa FC, Naples FC, Royal Antwerp FC, AC Milan e Austria de Viena, Grasshoppers de Zurique, Old Boys de Basileia, Young Boys de Berna, River Plate e o All Boys de Buenos Aires, The Strongest de La Paz, Corinthians de São Paulo, Liverpool e River Plate de Montevidéu. Esta dispersão foi a expressão de um sistema complexo de práticas que, para além da dimensão lúdica, comportou também uma expressão cultural, política e econômica intrinsecamente relacionada com o imperialismo inglês e a sua vasta área de influência.¹⁴

Em poucas décadas um jogo sistematizado em desporto expandiu-se rapidamente pelo mundo, adquirindo expressão global. Considerando a globalização como o “processo pelo qual determinada entidade ou condição local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival”,¹⁵ o futebol constituiu-se como um desses localismos globalizados bem-sucedidos, ou seja, um fenômeno com origem na Inglaterra que depressa se expandiu a uma escala global adquirindo expressão hegemônica. Neste âmbito o futebol é também uma paisagem global pela forma como contribui para refazer o mundo como paisagem única, bem como metáfora da competição global, em que a vitória se torna o imperativo da prática desportiva.¹⁶ Assim, “das favelas do Brasil, aos campos improvisados do Soweto, passando pelos bairros populares de Rabat, São Petersburgo, Nápoles, Lagos, Beirute, Marselha, Teerão, Buenos Aires ou Liverpool, todos repetem o mesmo gesto e as regras deste desporto nascido há um século na Inglaterra”.¹⁷

No mapa cronológico do processo de globalização, elaborado por Roland Robertson,¹⁸ esta fase da globalização do futebol decorreu entre 1879 e 1920 com o surgimento de competições globais, nomeadamente os Jogos Olímpicos. Corolário deste processo de globalização, o futebol tornou-se um globalismo localizado, um processo dominante que, ao ocorrer em todos os lugares, adquire a capacidade de designar como local outros processos, suprimindo-os progressivamente. Desde logo, aquilo que se localizou foram os gestos e as regras dos jogos populares, que ao não se pautarem pelo ritual social dominante, nem à imagem do desporto mo-

13 Taylor (2006, p. 15).

14 Hill (2009, p. 14).

15 Santos (1997, p. 14).

16 Nolasco (2004).

17 Ramonet (1998, p. 6).

18 Robertson (1994, p. 59).

derno, rapidamente foram convertidos em práticas folclóricas, com mero interesse etnográfico e aproveitamento turístico, ou então desapareceram simplesmente.

A imposição do futebol sobre outras práticas desportivas e expressões lúdicas revela-se um processo de formatação ortopédica. Boaventura de Sousa Santos¹⁹ quando se refere ao pensamento ortopédico, considera-o um processo desenvolvido pela epistemologia da ciência moderna que reduziu todas as outras formas de conhecimento aos marcos epistêmicos da racionalidade científica, o que significou uma dramática reconversão analítica. O modelo desportivo da modernidade, e em particular o processo de futebolização do mundo, também se exerceu de forma ortopédica, formatando outros jogos e práticas lúdicas através da sua submissão e redução ao modelo conceitual, competitivo e regulatório do futebol determinado pela FIFA. Ainda que este processo tenha exceções e contradições, verifica-se que apesar de matrizes distintas, como as identificadas por Arlei Damo²⁰ no futebol bricolado, futebol espetacularizado, futebol comunitário e futebol escolar, e apesar de tempos, espaços e intensidades distintas, encontram-se aí presentes os elementos de tensão, conflito, dramatização, identificação e recreação, que marcam o futebol hegemônico. Esta ortopedia é ainda possível de ser constatada em outras recreações do modelo “futebol”, nomeadamente no futsal, futebol de praia, futebol de sete ou cinco e ainda no futebol de rua, que mantém a essencialidade da forma de jogar. Outros jogos como o futebol gaélico, o futebol australiano e o futebol americano, mantém princípios muitos próximos aos do *football association*, derivando de um tronco comum, e que por efeito de dinâmicas distintas, conseguiram emancipar-se e afirmar-se.²¹

O futebol, enquanto localismo que se globalizou, determinando de maneira ortopédica outras formas de jogo por intermédio do poder colonialista eurocêntrico, constitui-se também como processo de colonização. Nesse âmbito, o futebol revelou-se instrumental no exercício do poder colonial, quer como veículo de transmissão das ideias, valores e práticas dos colonizadores, quer como fomento de laços de união com os colonizados. A adesão ao futebol por parte dos colonizados pode então ser interpretada, por um lado, como adesão aos valores dos colonizadores e, por outro, como forma de afirmação e resistência face ao poder colonizador. Estas situações verificaram-se na generalidade das possessões coloniais dos impérios europeus. Nuno Domingos,²² para o caso moçambicano, assinala a forma como o futebol foi usado de forma instrumental para a manutenção do poder colonizador português, bem como afirmação de identidade e possível mobilidade dos jogadores negros colonizados. Em Portugal, nos anos

19 Santos (2008, p. 11-43).

20 Damo ([2005] 2023, p. 36).

21 Nolasco ([2013] 2023, p. 123).

22 Domingos (2006).

1960, o futebol revelar-se-ia útil na glorificação e banalização do colonialismo nacional.²³ Quando se inicia a guerra colonial, e Portugal fica mais isolado no panorama político internacional, os futebolistas africanos em Portugal, migrantes de um processo colonialista, serviram para justificar uma ideia de império. As vitórias internacionais do futebol português nos anos 1960, quer ao nível de clubes quer da Seleção Nacional, nas várias situações com equipes compostas de muitos jogadores africanos, dos quais se destacava Eusébio, serviu para o Estado rebater as acusações internacionais de colonialismo. Houve como que uma idealização do colonialismo e da nação através do futebol.²⁴

Na atualidade, pode identificar-se no futebol um estado de colonialidade global. Este conceito traduz a continuidade de práticas coloniais apesar da ausência de uma administração, circunstância que no futebol é passível de ser identificada pelos processos de transferências de jogadores, em particular africanos, para clubes europeus. Historicamente a transferência de jogadores africanos para a Europa, em particular das colônias francesas, portuguesas e belga para clubes das respectivas metrópoles, bem como a sua posterior utilização nas seleções nacionais desses países europeus, foi prática regular de uma explícita relação colonial.²⁵ Posteriormente, e já num contexto pós-colonial, em virtude de exigências competitivas, o fluxo de jogadores africanos para a Europa intensificou-se e complexificou-se com a diversidade de origens e destinos.

A proliferação de escolas de formação de futebolistas na África, o trabalho de *scouting* na busca de novos talentos, bem com os inúmeros agentes representantes de jogadores, promotores das suas transferências, contribuíram para o aumento significativo dos futebolistas africanos em muitos das ligas europeias, em particular a francesa. Segundo Paul Darby²⁶ essa situação deve-se à condição de dependência do futebol africano, o qual, de forma idêntica a outras periferias, se constitui como reserva a que recorrem os clubes europeus. Também Raffaele Poli²⁷ argumenta que essa reserva de futebolistas resulta das vantagens comparativas que a África detém em termos de quantidade/qualidade/custo de formação de jogadores disponíveis para migrarem para a Europa. Nesse sentido, a transferência de futebolistas africanos para a Europa é vista como uma perda, interpretada como um *muscle drain*, num processo idêntico ao da “fuga de cérebros”, mas aplicado ao universo desportivo.²⁸ A este propósito, em 1998, Issa Hayatou, então presidente da Confederação Africana de Futebol afirmava: “A elite do futebol africano está fora do continente, daí o empobrecimento dos clubes que tem como efeito o

23 Almeida (2016).

24 Santos (2004, p. 82).

25 Lanfranchi e Taylor (2001).

26 Darby (2006).

27 Poli (2008).

28 Andreff (2009).

decréscimo de qualidade do jogo e de muitos dos campeonatos nacionais. Clubes prestigiados são regularmente privados dos seus melhores jogadores, e mesmo os juniores não escapam à voragem de recrutamento dos agentes que se aproveitam da venalidade dos dirigentes”.²⁹ Tal situação se acentuou nos últimos anos, pelo que o futebol é expressão de uma colonialidade na qual os países centrais mantêm um sistema de exploração noutras partes do mundo.

AS ESTRATÉGICAS ECONÔMICAS DO FUTEBOL

O paradigma da modernidade, sobre o qual o desporto moderno se alicerçou, permitiu ao futebol ter um papel hegemônico em relação a outras práticas culturais. Contudo, quando esse paradigma se esgota, o futebol é inevitavelmente questionado na sua complexidade, nomeadamente na afirmação do seu carácter apolítico, na negação da sua vocação economicista, e no patrimônio de valores que lhe são imputados. Os efeitos do final do colonialismo e um capitalismo selvagem, reforçados pelas dinâmicas de globalização e ainda pelas transformações estruturais que aconteceram em todos os domínios sociais,³⁰ tornaram evidentes os múltiplos compromissos do futebol com a política, independentemente dos blocos ideológicos de pertença, bem como o vínculo com o capitalismo e as lógicas de mercado.

Depois de sucessivas metamorfoses, o futebol teve uma acentuada deriva capitalista convertendo-se assumidamente num fenómeno económico, com as diversas entidades associativas, federações e clubes a desenvolverem estratégias financeiras no sentido maximizarem rendimentos. Num processo que se naturalizou, os clubes converteram-se em empresas, os dirigentes em gestores, os jogadores em trabalhadores, os jogos em espetáculos, os estádios em parques de diversão e os adeptos em clientes.³¹

A expressão económica do futebol não é propriamente uma novidade. Desde os primórdios da modalidade em Inglaterra, houve a percepção de que a profissionalização dos jogadores poderia ser paga por parte dos adeptos que assistiam aos jogos, numa complementaridade com o financiamento das fábricas, de forma a se conseguir ter equipas competitivas e assim vencer jogos, o que sempre se traduzia em boa publicidade. Com o passar dos anos, o acentuar da competitividade e a relevância simbólica das vitórias tornaram necessário que as aspirações dos clubes fossem financeiramente racionalizadas e suportadas, processo que suscitou distinções entre clubes. A dicotomia entre clubes ricos e clubes pobres é identificada

29 Darby (2000, p. 48).

30 Giddens (1992).

31 Nolasco ([2013] 2023, p. 11).

por Bromberger³² quando assinala as diferenças entre os dois principais clubes de Turim, a Juventus e o Torino, sendo o primeiro um clube rico, financiado pela família Agnelli, proprietária da Fiat, e o segundo um clube popular de poucos recursos, fato que se traduz na diferença de títulos conquistados pelos dois.

Numa dinâmica de “causa e efeito”, os clubes com ambições de ganharem competições, e de serem as entidades representativas de uma região ou país, necessitam de ter os melhores jogadores, e para o conseguirem necessitam de dinheiro para pagar transferências e salários, e assim sucessivamente num processo vicioso. Assim, numa lógica de mercado, os jogadores mais competitivos e talentosos tornaram-se um bem escasso em virtude da grande procura por parte dos clubes. Quando esses jogadores não existem no espaço nacional são procurados no estrangeiro, suscitando intensos fluxos migratórios. “A migração de uma elite laboral tornou-se então uma característica da ‘aldeia global’ desportiva”,³³ sendo que nas ligas europeias “os jogadores estrangeiros tornaram-se um elemento natural das paisagens futebolísticas”.³⁴

Os rendimentos de bilheteira, a quotização dos associados e os patrocínios até um determinado momento foram suficientes para responder às necessidades, mas a intensificação das competições em nível nacional e internacional, rapidamente revelaram a insuficiência dessas fontes de financiamento.

Nos anos 1990 verificou-se uma significativa alteração na relação do futebol com a economia. As competições reorganizaram-se no sentido de se tornarem mais consentâneas com o conceito de espetáculo. Em 1992 foi criada a *Premier League* inglesa em ruptura com o anterior campeonato nacional, e apesar de a nova competição manter a mesma estrutura competitiva, o dinheiro resultante dos direitos televisivos permitiu remodelar os estádios tendo em vista maior segurança e conforto e simultaneamente potenciar a espetacularidade da competição de forma a ser comercializada por todo o mundo.³⁵ Na época de 1992-93 a principal competição de clubes na Europa é renomeada, passando a designar-se como Liga dos Campeões Europeus, tendo por base um novo conceito de competição e seguindo uma inovadora estratégia de marketing e de direitos televisivos, graças à parceria da Union of European Football Associations (UEFA) e da Team Marketing AG.³⁶ Em 1995, com a decisão do caso Bosman pelo Tribunal de Justiça Europeu, o futebol foi definitivamente assumido como atividade econômica, o que implicou a liberalização do mercado de transferência de jogadores. Em 1998, no Brasil, a Lei 9.615/1998, conhecida como “Lei Pelé”, ao instituir o fim do passe dos jogadores, proporcionou as condições para a intensa saída massiva dos futebolistas

32 Bromberger (1998).

33 Maguire e Pearton (2000, p. 175).

34 Ben-Porat (2002, p. 54).

35 Elliott (2017).

36 Manzenreiter e Spitaler (2013).

para clubes de todo o mundo. Em simultâneo, em diversos países separou-se no futebol a vertente profissional da vertente amadora, através da criação de ligas. Os clubes criaram sociedades anônimas e tornaram-se entidades cotadas em bolsa. Potenciou-se a relação com as televisões no sentido de obter maiores dividendos.

Todos esses fatos contribuíram para a financeirização dos clubes, proporcionando-lhes, principalmente aos clubes das *big five leagues* europeias, a capacidade de suportarem os elevados custos das transferências e pagamentos salariais de jogadores, “que atingem montantes de tal modo extraordinários que já não se sabe a que realidade econômica correspondem”.³⁷

Em simultâneo assiste-se a aquisições de clubes de futebol por milionários ou consórcios financeiros, considerando-as boas oportunidades para rentabilizarem o seu capital. Efetivamente, segundo o relatório anual da Deloitte,³⁸ como indústria, o futebol tem enormes recursos financeiros, sendo a riqueza líquida estimada dos vinte maiores clubes europeus de 8,2 mil milhões de euros, apesar da quebra de 12% de rendimentos por comparação com a época anterior, em virtude da crise pandêmica. Barcelona com 715 milhões de euros, Real Madrid com 714 milhões de euros e Bayern de Munique com 634 milhões de euros são os clubes mais ricos. Investidores chineses, norte-americanos, árabes, russos são os que detêm clubes como Chelsea, Manchester City, Liverpool, Paris Saint-Germain, Milan, Inter, entre outros, conferindo-lhes enorme capacidade financeira na expectativa de um retorno significativo.

A avidez financeira do universo futebolístico ficou bem patente num comunicado conjunto de doze clubes europeus, proferido no dia 18 de abril de 2021, que provocou enorme turbulência no universo futebolístico. Comunicou-se a criação de uma nova competição de futebol na Europa, a Superliga. Esta competição, criada fora do âmbito da UEFA e FIFA, será gerida pelos doze clubes fundadores, e terá um formato em que participarão vinte clubes, quinze dos quais serão membros permanentes e os restantes cinco participarão por convite, de forma a melhorar, através de clubes de elite, a intensidade e qualidade da competição. As motivações para a criação desta Superliga são declaradamente de ordem econômica, afirmando que a situação pandêmica aumentou a instabilidade do modelo econômico do futebol europeu, tornando necessária uma nova visão estratégica e comercial, que confira valor em benefício da pirâmide do futebol. As reações foram imediatas na recusa de uma competição que surge fora do espaço das federações nacionais e da UEFA, que não se rege pelo princípio do mérito desportivo, nem da solidariedade desportiva, e que ao se fundar no egoísmo não resolverá os problemas do futebol, mas apenas de alguns clubes. Representantes das instituições europeias, chefes de estado, ministros, dirigentes desportivos,

³⁷ Correia (2020).

³⁸ Deloitte (2021).

treinadores, jogadores, todos foram unânimes na recusa desta competição. Mas o protesto mais expressivo e relevante ocorreu por parte dos adeptos de alguns clubes implicados, que ao manifestarem nas ruas e nas redes sociais seu repúdio por essa ação obrigaram os dirigentes a recuar na decisão e pedir desculpa aos adeptos. A comunicação da criação desta competição também suscitou a necessidade de legislar sobre uma atividade que na Europa é gerida de forma monopolista por parte da UEFA, colocando em causa princípios da concorrência, além de muitos agentes e clubes comportarem a suspeição de processos menos lícitos.

CONCLUSÃO

Num momento em que somos profundamente interpelados na nossa contemporaneidade pela presença do coronavírus, em que o fim do presentismo se torna evidente na mega-fratura abissal que separa dois tempos, o antes e o depois, e num futuro que começa agora,³⁹ que papel está reservado ao futebol neste cenário? Os discursos de crise no futebol vão-se acumulando: a paragem do futebol traduziu-se numa quebra de 12% das receitas dos principais clubes europeus; situação que serviu de argumento para a criação de uma Superliga como forma de recuperação financeira, colocando em causa a unicidade da modalidade e valores de mérito desportivo; muitos clubes enfrentam situações de falência técnica, num processo de endividamento progressivo; simultaneamente há uma crise de popularidade, com a perda de adeptos, particularmente os mais jovens, para outras atividades lúdicas, nomeadamente os videojogos; a concorrência de outras modalidades desportiva, de maior envolvimento com a natureza, de expressão radical, e mais individualistas, consentâneas com as narrativas da contemporaneidade; e ainda as sistemáticas manifestações xenófobas, sexistas e violentas que os diferentes atores envolvidos veiculam. Nesse contexto o futebol tem que se reinventar.

Em 18 de janeiro de 2021, o presidente do Conselho Europeu e o presidente da FIFA reuniram-se por videoconferência para discutir o futuro do futebol num mundo pós-pandêmico. O encontro serviu essencialmente para realçar a universalidade do jogo, com o presidente da FIFA, Gianni Infantino, a referir que a linguagem do futebol, sendo partilhada por milhares de milhões de pessoas em todo o mundo, é a linguagem que todos falam, e assim sendo o futebol pode ajudar a enraizar valores universais e aproximar pessoas, especialmente numa altura em que o planeta inteiro está a enfrentar uma crise sanitária sem precedentes. Esta reunião serviu também para afirmar que as instituições políticas e futebolísticas podem unir esforços para combater alguns problemas que ameaçam o futebol e a sociedade em geral, nomeadamente o abuso infantil e as más práticas financeiras e

39 Santos (2020a).

excessos que se observam no sistema de transferências de futebolistas, sendo para isso necessário assegurar a transparência financeira e proteger a integridade do jogo. Refletiu-se ainda sobre o papel que o futebol, num contexto da pandemia, tem enquanto ferramenta para aumentar a consciência sobre as medidas de saúde e fator de coesão social.

A afirmação do papel social do futebol é extremamente importante para o jogo se reencontrar e reinventar. A essência do jogo continua intacta, apesar das múltiplas camadas sociais que foram sendo adicionadas ao futebol ao longo do tempo. Nesse sentido cabe aos dirigentes, jogadores e adeptos a responsabilidade de se emancipar de todos os constrangimentos que suscitam enviesamentos na prática futebolística e desenvolver um futebol de alta competição assente em valores éticos democráticos e de verdade desportiva, de respeito social por todas as culturas, religiões, gêneros, orientações sexuais, num contexto de desenvolvimento ambiental sustentado, e recusando todas as formas de violência, discriminação, racismo, radicalismo, corrupção e viciação da verdade desportiva. Para manter a posição hegemônica, o futebol não tem que ser arrogante, e canibalizar toda a vida desportiva e social. Para ser viável e economicamente sustentável não necessita cometer os absurdos de investimento financeiro. Basta ser social e desportivamente responsável. É certo que estas orientações constam dos programas estratégicos e missões das federações e clubes, sendo por isso relevante que se não sejam apenas retóricas, e se efetivem quotidianamente em todas as dimensões e por todos os intervenientes do jogo.

O futebol continua a ser um jogo de paixão, em que homens e mulheres se entregam de forma fervorosa aos encantos das fintas, dos gols, das defesas, exultando com as vitórias, deprimindo-se com as derrotas. Por isso, cada jogo foi, é e continuará a ser uma dramaturgia de emoções. Sempre que os momentos de desconfinamento permitiram que as pessoas saíssem à rua e uma bola rolasse, o futebol ressurgiu com a mesma intensidade dos jogos simples. A pandemia veio inaugurar uma nova forma de sentir o mundo, e neste ambiente o futebol simples, genuíno, livre de constrangimentos políticos e econômicos será sempre uma possibilidade de emancipação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. Futebol, racismo e media: os discursos da imprensa portuguesa durante o fascismo e pós-Revolução de Abril. *Revista de Ciências Sociais*, n. 44, p. 71-90, 2016.
- ANDREFF, W. The economic effects of “muscle drain” in sport. *Birkbeck Sport Business Centre Research Paper Series*, v. 2, n. 2, p. 9-31, 2009.

- BEN-PORAT, A. The political economy of soccer: the importation of foreign soccer players to the Israeli League. *Soccer & Society*, v. 3, n. 1, p. 54-68, 2002.
- BERMAN, M. *Tudo o que é sólido se dissolve no ar*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- BROMBERGER, C. *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde*. Paris: Bayard Centurion, 1998.
- CAILLOIS, R. *Les jeux et les hommes (La masque et la vertige)*. Paris: Gallimard, 1958.
- COELHO, J.; PINHEIRO, F. *A paixão do povo: história do futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.
- CORREIA, M. *Uma história popular do futebol*. Lisboa: Orfeu Negro. 2020.
- DAMO, A. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nr-b=000468905&loc=2005&cl=24a7bc666aac4e5>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- DARBY, P. Africa's place in FIFA's global order: a theoretical frame. *Soccer & Society*, v. 1, n. 2, p. 36-61, 2000.
- DARBY, P. Migrações para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial. *Análise Social*, n. 179, p. 417-433, 2006.
- DELOITTE. Football Money League. *Deloitte Sports Business Group*, Londres, 2021.
- DOMINGOS, N. Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: o caso moçambicano. *Análise Social*, n. 179, p. 397-416, 2006.
- DURKHEIM, E. *A divisão do trabalho social*. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- ELLIOTT, R. *The English premier league: a socio-cultural analysis*. Londres: Routledge, 2017.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Oeiras: Celta, 1992.
- GOLDBLATT, D. *The ball is round: a global history of soccer*. Londres: Penguin, 2008.
- GRUNEAU, R. *Sport & modernity*. Cambridge: Polity, 2017.
- GUTTMANN, A. *Games & empires: modern sport and cultural imperialism*. Nova York: Columbia University Press, 1994.
- HILL, L. Football as code: the social diffusion of “soccer” in South Africa. *Soccer & Society*, v. 11, n. 1, p. 12-28, 2009.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. Madri: Alianza Editorial; /Emecé Editores, 1972.
- LANFRANCHI, P. TAYLOR, M. *Moving with the ball: the migration of professional footballers*. Oxford: Berg, 2001.

- MAGUIRE, J.; PEARTON, R. Global sport and the migration patterns of France '98 World Cup finals players: some preliminary observations. *Soccer & Society*, v. 1, n. 1, p. 175-189, 2000.
- MANZENREITER, W.; SPITALER, G. *Governance, citizenship and the new european football championships: the european spectacle*. Londres: Routledge, 2013.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. Lisboa: Edições Avante, 1984.
- MORRIS, D. *A tribo do futebol*. Milão: Europa-América, 1981.
- MURAD, M. *Dos pés à cabeça: elementos básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1956.
- NOLASCO, C. Os jogos da globalização no campo do futebol. *Contextos de Sociologia* (Associação Portuguesa de Sociologia), n. 3, p. 31-38, 2004.
- NOLASCO, C. *Fintar fronteiras: migrações internacionais no futebol português*. Tese de Doutorado – Faculdade de Economia, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/23782>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- POLI, R. *Production de footballeurs, reseaux marchands et mobilites professionnelles dans l'économie globale*. Le cas de joueurs africains en Europe. Tese de Doutorado, Université de Neuchâtel, Neuchâtel, 2008.
- RAMONET, I. Un Fait Social Total. *Manière de Voir*, n. 39, p. 6-7, 1998.
- ROBERTSON, R. *Globalization*. Londres: Sage Publications, 1994.
- SANTOS, A. Eusébio, o processo de construção de um ícone da nação. *Manifesto*, n. 6, p. 80-91, 2004.
- SANTOS, B. S. Uma concepção multicultural de direitos humanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 48, p. 11-32, 1997.
- SANTOS, B. S. A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p. 11-43, 2008.
- SANTOS, B. S. *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*. Lisboa: Edições 70, 2020a.
- SANTOS, B. S. A difícil construção do contemporâneo e do complementar. *Jornal de Letras*, 3 jun., p. 25-26, 2020b.
- SOUZA JÚNIOR, O. M. Do futebol aos futebóis: compartilhando experiências para uma educação humanizadora. In: MALDONADO, D. T.; SILVA, M. E. H.; MARTINS, R. M. (org.). *Educação física escolar e justiça social: experiências curriculares na educação básica*. Curitiba: CRV, 2022. v. 47, p. 167-192.
- TAYLOR, M. Global players? Football, migration and globalization, c. 1930-2000. *Historical Social Research*, v. 31, n. 1, p. 7-30, 2006.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Lisboa: Presença, 2015.